

História do Autismo: Compreensões Iniciais

Kátia Maria de Moura Evêncio¹; George Pimentel Fernandes²

Resumo: Para sustentar as discussões e buscas por estratégias de ensino aos alunos com autismo, se faz indispensável compreender o que é este transtorno e como foi “descoberto” o primeiro diagnóstico. Saber da história deste transtorno nos faz refletir acerca do desenvolvimento integral das pessoas que o tem, bem como nos auxilia a compreender a luta das famílias em prol da qualidade de vida dessas pessoas. Também, saber o que é o autismo permite-nos encarar a pessoa que o tem em sua plenitude, ao invés de limitarmos nosso olhar apenas para a sua condição específica podendo resultar em discriminação e preconceitos. Por esta razão, o presente artigo de revisão se trata de um recorte de uma pesquisa maior e definiu como objetivo central Conhecer a história do autismo visando compreender como foram diagnosticados os primeiros casos e como estes embasam os conhecimentos científicos na atualidade. Assim, dentre os teóricos que respaldam a presente revisão, destacam-se Donvan & Zucker (2017). O desenvolvimento está dividido em duas sessões a saber: A história do autismo: compreensões iniciais; e O que causa o autismo? O público alvo para esta leitura são profissionais da educação, familiares de pessoas com autismo e profissionais da área de saúde e reabilitação cognitiva. Espera-se que os conhecimentos aqui expostos possam contribuir e por se tratar de recorte de uma pesquisa maior a nível de mestrado, há continuidade deste conteúdo.

Palavras-chave: Autismo. História. Primeiro diagnóstico.

The History of Autism: Initial Understandings

Abstract: In order to support discussions and search for teaching strategies for students with autism, it is essential to understand what this disorder is and how the first diagnosis was "discovered". Knowing the history of this disorder makes us reflect on the integral development of the people who have it, as well as helps us understand the struggle of families for their quality of life. Also, knowing what autism is allows us to face the person who has autism to its fullest, rather than limiting our gaze only to their specific condition and may result in discrimination and prejudice. For this reason, this review article is an excerpt from a larger research and defined as its central objective Knowing the history of autism in order to understand how the first cases were diagnosed and how they underlie scientific knowledge today. Thus, among the theorists supporting this review, Donvan & Zucker (2017) stand out. Development is divided into two sessions namely: The History of Autism: Initial Understandings; and What causes autism? The target audience for this reading is education professionals, relatives of people with autism and health and cognitive rehabilitation professionals. It is expected that the knowledge exposed here can contribute and because it is a clipping of a larger research at the master level that there is continuity of this content.

Keywords: Autism. History. First diagnosis.

¹ Professora da Universidade Estadual do Piauí; Mestre em Educação pela Universidade Regional do Cariri. E-mail: professorakatiamoura@gmail.com

² Professor da Universidade Regional do Cariri; Doutor em Educação. E-mail: pimentelcrato@gmail.com

História do Autismo: o primeiro diagnóstico

O presente estudo busca desvendar e compreender o que é o autismo, as práticas de intervenção pedagógicas para alunos com TEA num viés da educação inclusiva dessas pessoas.

O pesquisador ou estudioso do Autismo tem como compromisso primeiro desvendar um imenso espaço do conhecimento sobre o Autismo e dar a conhecer, caminhando em vagarosos e atenciosos passos, ultrapassando quadros estreitos por um diagnóstico, descrevendo estudos e divulgando achados compreendidos nas interações das especificidades de cada sujeito autista que se estuda. (RODRIGUES e SPENCER., 2015. p. 13).

De acordo com Donvan & Zucker (2017), De Paula, et. al. (2017), Schmidt (2013), Assumpção Jr. (2013), Schwartzman (2011) dentre outros, os primeiros estudos investigativos datam de 1943 quando Leo Kanner publicou o artigo “Autistic Disturbances of Affective Contact” (Distúrbio Autista do Contato Afetivo). Este artigo foi fruto de quatro anos de investigação e registro do quadro clínico de Donald Triplett, um menino identificado como Donald T., o qual, a partir de dois anos de idade sofreu marcantes regressos de seu desenvolvimento, como será descrito a seguir, com base em Donvan & Zucker (2017) e que representa o marco da história que impulsionou os primeiros estudos acerca do autismo.¹

Donald T. tinha comportamentos ‘normais’ até dois anos de idade, quando começou a chamar a atenção dos seus pais por notável regressão do seu desenvolvimento como a falta de interesse em pessoas e objetos ao seu redor. Manifestou agressividade ao ter sua rotina alterada ou atividade interrompida, bem como, a falta de respostas às tentativas afetivas e crescente isolamento. Tais condutas despertaram a preocupação de sua família que, em busca de saber que mal havia acometido seu filho, sua mãe escreve uma carta de confissão descrevendo Donald como “irremediavelmente louco”.²

É oportuno mencionar que nesse período histórico as famílias de bebês e crianças “anormais” (termo comum na época) eram incentivadas a “se desfazerem” delas, sob denominações de aberrações e outros termos, pois eram consideradas como vergonha, mancha ou castigo àquela família.

E por isso, não só o bebê ou a criança com deficiência ou transtorno era segregada socialmente, mas a família também. Mesmo as famílias que demonstravam interesse em

¹ Cf Donvan, John; Zucker, Caren. Outra Sintonia: a história do autismo Companhia das Letras, 2017.

² Ibid. p.20

cuidar do seu filho, os médicos eram rígidos ao dizer que Não, pois a recomendação era a *institucionalização do defeituoso*³, conforme Donvan & Zucker (2017, p.31) “[...] a classe social e o grau de instrução eram partes importantes da decisão de institucionalizar. Quanto mais elevada fosse a posição da família na escala social, tanto mais lógico era internar o filho”.

Atualmente, ambos os termos denotam crueldade. No entanto, para o período histórico ao qual estamos nos referindo, são termos médicos que foram empregados para determinar o desenvolvimento com funcionamento normal dos que não funcionavam dentro da normalidade esperada. Dentre outros termos clínicos comuns à classe médica da época, presentes no dicionário da deficiência, e que mais tarde foram usados descontextualizados e com fins depreciativos encontram-se: “mentecapto”, “débil mental”, “demente” (Ibid, p.29).

Assim, a pessoa com deficiência ou transtorno era separada do seio familiar e social para interna-la em asilos, hospitais ou outras instituições era prática normal. Essas instituições seriam as responsáveis pela manutenção de suas vidas. Vale lembrar ainda que, quanto mais posses a família dispunha, mais incentivadas eram por médicos e por juízes de direito, a institucionalizar deficientes, tal como ocorreu com a família de Donald T.

Foram diversas investidas em consultas, médicos e até mesmo internação longe do seio familiar, no asilo *Preventorium*, no Mississippi, a fim de saber e curar aquele quadro clínico. No entanto, o isolamento familiar, a imposição de novas atitudes, o distanciamento sentimental agravou o quadro de Donald T. fazendo com que sua mãe retirasse ele desse ambiente (Ibid, p. 31, 32).

Em meados da década de 1940 a área da psiquiatria incluiu a infância como importante fase de investigação. Ainda nesse período, destacou-se Léo Kanner, psiquiatra da infância nos EUA, com um método de trabalho próprio e diferenciado do comum daquele período histórico, tinha como importante estratégia diagnóstica a anamnese, que consiste na valorização da história de vida do paciente e conta com registros de observação detalhados com vistas ao diagnóstico e tratamento médico (Ibid, p. 47).

A fama do Dr. Kanner leva a família de Donald T., à sua procura. Logo ao adentrarem no consultório Kanner constata características peculiares do menino como isolamento social e interesse em si próprio. Kanner realizou alguns testes, dentre outros, o espetou com alfinete, levando-o a constatar que Donald T. sentiu a dor, mas não se afastou ou teve medo do médico. Donvan & Zucker (2017) esclareceram que não houve relação entre a

³ Grifo meu. Termo médico permitido e utilizado meados do século XX

dor e quem a causara. As observações e registros do Dr. Kanner e de sua equipe que monitorava o menino levou o famoso médico a afirmar que o desenvolvimento de Donald era potencial, ou seja, tinha possibilidades de avanço, mesmo diante da constatação da indiferença ao que lhe cercara.

A cerca do diagnóstico de Donald T., *Ibid*,(p. 50) relata que em carta datada de Setembro de 1942, havia confissão de Kanner afirmando que “Não conseguiu encaixar Donald em nenhum rótulo-padrão conhecido, tampouco podia prever as chances do menino. Seus comportamentos constituíam um mistério que ele ainda não tinha sido capaz de decifrar”.

Por isso, havia necessidade de expandir suas investigações a mais crianças com claro desenvolvimento comprometido semelhante a Donald. Assim, supervisionou e examinou mais oito crianças o que permitiu constatar que “[...]a principal distinção reside na incapacidade dessas crianças, desde a primeira infância, de se relacionar com outras pessoas” e “com peculiaridade de linguagem *Ibid*,(p. 50). Os resultados das investigações levou Kanner a denominar o quadro clínico de ‘Distúrbio Autista de Cunho Afetivo’.

O termo autismo remete às ações em torno de si e já tinha sido utilizado por volta de 1910 por Bleuler ao abordar critérios diagnósticos da esquizofrenia, transtorno que durante muitas décadas foi atribuído às características autísticas na infância. Daí, Kanner estabeleceu dois critérios definidores para a síndrome autística: tendência à solidão e necessidade de rotina.

Com a possibilidade de um quadro clínico para a síndrome autística, as questões avançam na tentativa de desvendar sua etiologia. E nessa busca contata-se diversas teorias explicativas que vão desde o cunho materno afetivo, passando pela influência ambiental até a possibilidade genética.

O Que Causa o Autismo?

A história do autismo nos leva a compreender que o termo, desde meados do século XX, foi atribuído a diagnósticos de esquizofrenia adulta, devido principalmente a necessidade de solidão, de rotina e a falta de interesse nas pessoas. No entanto, a partir das investigações do Dr. Kanner num grupo composto por oito meninos e três meninas, cada qual com suas

peculiaridades, o autismo começou a ser atribuído em caso específico de comprometimento do desenvolvimento cognitivo e social, desta forma, alterando a compreensão que se tinha.

Reconhecido o conjunto de comprometimentos desde a infância, o termo utilizado para diagnóstico passou a ser Autismo Infantil. No entanto, há um ponto controverso presente na história do autismo que, conforme Donvan & Zucker (2017), anterior as afirmações de Kanner, Bleuler em 1910, já havia descrito comportamentos autísticos para descrever sintomas como “pensamento desordenado e outras rupturas com a realidade”, “tendência a se desconectar da interação com o meio ambiente e a se relacionar exclusivamente com uma realidade anterior”. Ratificando esse ponto controverso, De Paula *et.al* (2017, p. 08) afirma que,

Apesar de os primeiros relatos clínicos terem sido descritos por Leo Kanner em meados de 1940, a categoria autismo infantil foi introduzida nos manuais diagnósticos pela primeira vez na 3ª edição do Manual de Diagnóstico dos transtornos mentais: DSM-III.

Assim, com vistas a entender qual origem desse transtorno, uma sequência de investigações têm início. Os termos e definições são dependentes dos novos conhecimentos confirmados acerca da sintomatologia do transtorno. Neste sentido, Rodrigues; Spencer (2015) destacam que, em 1950, com mais 38 casos autísticos, Leo Kanner publica o “Tratado de Psiquiatria Infantil” denominando o transtorno de “Autismo Infantil Precoce”. Este material parecia apresentar o autismo com características como: sérias dificuldades de contato, interações e fixação ou por pessoas ou objetos.

Considerações Finais

Em vista do que foi citado, constata-se que o autismo já existia bem antes do diagnóstico confirmado por Kanner. Este transtorno de ordem do neurodesenvolvimento afeta pessoas em diferentes níveis de gravidade, sendo classificado como de leve a grave, a depender do nível de dependência e, conseqüentemente, da necessidade de apoio exigido para realizar atividades do cotidiano.

Apesar de décadas de investigação científica e avanços significativos desde o diagnóstico à intervenção de reabilitação, ainda não se conseguiu uma definição sobre a causa

definitiva do transtorno. Porém, já se sabe que a causa genética é a mais provável no meio científico.

Outra constatação que se destacou foi a história das famílias de pessoas com autismo. No levantamento bibliográfico vimos o quanto sofrem estas famílias por não saberem o que acometem seus filhos e portanto, dificultar ainda mais a tomada de decisão sobre o tratamento a ser dado ao caso. A saúde mental desses familiares é uma questão fundamental a ser investigada, de forma que possam oferecer pistas sobre possíveis estratégias terapêuticas, que certamente implicarão em maior bem-estar para tais famílias.

Referências

BRITO, Maria Cláudia; MISQUIATTI, Andréa Regina Nunes. **Transtornos do Espectro do Autismo e Fonoaudiologia: atualização profissional em saúde e educação**. In: Autismo: a questão do diagnóstico. 1ª ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013 cap. 01. p. 11 a 22.

DONVAN, John; ZUCKER, Caren. **Outra Sintonia: a história do autismo** Companhia das Letras, 2017.

PAULA, Cristiane S. de; et. al **Conceito do Transtorno do Espectro Autista: definição e epidemiologia**. In: BOSA, Cleonice Alves; TEIXEIRA, Maria Cristina T.V. **Autismo: Avaliação psicológica e neuropsicológica..** 2ª ed. – São Paulo: Hogrefe, 2017. cap. 01. p. 07 – 28.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SPENCER, Eric. **A Criança Autista: um estudo psicopedagógico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

SCHIMIDT, Carlo. (org). **Autismo, Educação e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

SCHWARTZMAN, José Salomão; ARAÚJO, Ceres Alves. **Transtornos dos Espectro do Autismo**. In: SCHWARTZMAN, José Salomão. **Transtornos do Espectro do Autismo: conceitos e generalidades**. São Paulo: Memnon, 2011.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

Evêncio , Kátia Maria de Moura ; FERNANDES , George Pimentel . História do Autismo : Compreensões Iniciais. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13,n.47,p. 133-138. ISSN: 1981- 1179

Recebido: 08/08/2019;

Aceito: 19/08/2019.